

ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



**ARSÈNE
LUPIN**

**E O
MISTÉRIO DE
BARRE-Y-VA**

Tradução
Luciene Ribeiro
dos Santos


Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La Barre-y-va

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos

Design de capa
Ciranda Cultural

Preparação
Jéthero Cardoso

Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Irina Solatges/shutterstock.com;
alaver/shutterstock.com;
bins/shutterstock.com;
Uliana Solokova/shutterstock.com

Revisão
Cleusa S. Quadros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e o mistério de Barre-y-va / Maurice Leblanc ; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. – Jandira, SP : Principis, 2021. 192 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: La Barre-y-va ISBN: 978-65-5552-525-0
	1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Santos, Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.
2021-1966	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

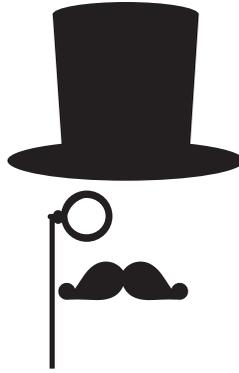
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Visita noturna	7
As explicações de Théodore Béchoux.....	20
O assassinato	31
Ataques	44
Os três “salgos”	56
A dona Vauchel.....	67
O escrivão	79
O testamento	90
Dois dos culpados	104
O homem da cartola	117
Preso na armadilha.....	127
A vingança.....	138
A inquisição	149
Ouro	161
As riquezas do procônsul	172
Epílogo – Qual das duas?.....	184



VISITA NOTURNA

Depois de uma noitada no teatro, Raoul d’Avenac voltou para casa, parou por um momento diante do espelho em seu vestíbulo e contemplou, não sem algum prazer, seu corpo em boa forma: o belo terno de alfaiataria, a elegância de sua figura, a largura dos ombros, a força do tórax, que se destacava sob o colete.

O vestíbulo, por suas dimensões limitadas e os móveis, anunciava um daqueles confortáveis apartamentos de solteiro, mobiliados com luxo, onde somente um homem de bom gosto poderia morar, tendo o hábito e os meios para satisfazer suas fantasias mais caras. Raoul se alegrava, como fazia todas as noites, em poder fumar um cigarro no escritório e se deixar cair em uma vasta poltrona de couro para desfrutar de um desses descansos que ele chamava de aperitivo do sono. Seu cérebro ficava livre de todos os pensamentos incômodos, e ele se deixava levar por um vago devaneio, no qual deslizavam as lembranças do dia passado e os planos confusos para o dia seguinte.

No momento de abrir os olhos, ele hesitou. Só então, e de repente, percebeu que não era ele quem tinha acabado de acender a luz do

vestíbulo, e que, quando chegara, as três lâmpadas do candelabro já espalhavam pelo ambiente a sua tripla iluminação.

“Estranho”, pensou. “Ninguém poderia ter vindo aqui desde que eu saí, pois os criados tiraram um dia de folga. Devo admitir que não apaguei a luz quando saí mais cedo?”

D’Avenac era um homem a quem nada escapava, mas também não perdia seu tempo em busca de solução para esses pequenos problemas que o acaso nos coloca e que as circunstâncias quase sempre se encarregam de nos explicar da maneira mais natural.

“Somos nós quem fazemos nossos próprios mistérios”, dizia ele. “A vida é muito menos complicada do que pensamos, e ela mesma desvenda o que nos parece emaranhado.”

E, de fato, quando ele passou pela porta à sua frente, não ficou muito surpreso ao ver uma jovem mulher de pé no fundo da sala, encostada a uma mesa de pedestal.

– Senhor Deus! – exclamou ele –, eis aqui uma visão graciosa.

Como no vestíbulo, a graciosa visão tinha acendido todas as lâmpadas, sem dúvida preferindo o máximo de claridade. E ele podia admirar, à vontade, um lindo rosto emoldurado por caracóis loiros, um corpo esbelto, bem proporcionado, bem alto, e vestido com um modelito um tanto antiquado. Seu olhar era inquieto, e o rosto se contraía de emoção.

Raoul d’Avenac já estava cheio de pretensões, pois as mulheres sempre o haviam agraciado com seus favores. Ele acreditou, portanto, na sorte, e aceitou a aventura, como aceitara tantas outras, sem ter pedido por elas.

– Eu não a conheço, senhora, conheço? – disse ele, sorrindo. – Eu já a vi antes?

Ela fez um gesto que significava que, de fato, ele não estava enganado. Ele continuou:

– Como diabos você entrou aqui?

Ela apontou para uma chave, e ele exclamou:

– Então você tem uma chave do meu apartamento! Isto está ficando muito divertido.

Ele estava cada vez mais convencido de que havia seduzido involuntariamente a bela visitante, e que ela vinha até ele como presa fácil, ansiosa por sensações raras e pronta para ser conquistada.

Assim, ele caminhou na direção dela com a habitual cautela em tais casos, determinado a não deixar escapar essa oportunidade que se apresentava de forma tão encantadora. Mas, contra todas as expectativas, a jovem mulher recuou e endureceu seus braços, com um olhar assustado:

– Não se aproxime! Eu o proíbo de se aproximar... não tem esse direito...

Seu rosto assumiu uma expressão de angústia que o desconcertou. E então, quase ao mesmo tempo, ela começou a rir e a chorar, com movimentos convulsivos e com tal agitação que ele lhe disse suavemente:

– Eu não lhe farei mal. Você não veio aqui para me roubar, veio? Ou veio para atirar em mim com uma arma? Então, por que eu a magoaria? Vamos, me responda... O que você quer de mim?

Tentando se controlar, ela sussurrou:

– Vim pedir socorro.

– Mas meu trabalho não é socorrer.

– Dizem que sim... e que tudo o que o senhor tenta, o senhor sempre consegue.

– Caramba! Que privilégio, esse que você está me dando. E se eu tentar tomá-la em meus braços, serei bem-sucedido? Basta pensar: uma senhora, à uma hora da manhã, na casa de um cavalheiro... tão bonita como você... tão atraente... Confesse, não tenha medo, eu já posso me imaginar...

Ele se aproximou dela novamente, sem que ela protestasse; pegou-lhe a mão e a apertou entre as suas. Então ele acariciou-lhe o pulso e

o antebraço, que estava nu, e teve a impressão repentina de que, se a atraísse para si, ela não poderia afastá-lo, de tão enfraquecida que estava pela emoção.

Um pouco exultante, ele tentou, muito discretamente, depois de passar a mão pela cintura da jovem mulher. Mas naquele momento, tendo-a observado, ele viu olhos tão assustados e um rosto tão triste, cheio de angústia e súplica, que interrompeu seu gesto e se desculpou:

– Peço perdão, minha senhora.

Ela disse, em voz baixa:

– Não, não senhora... senhorita... – e continuou, de imediato: – Sim, eu compreendo, fazer tal visita a esta hora!... É natural que o senhor esteja equivocado.

– Oh, absolutamente equivocado! – brincou ele. – Depois da meia-noite, minhas ideias sobre as mulheres mudam completamente, começo a imaginar coisas absurdas e a me comportar sem nenhuma delicadeza... Mais uma vez, me perdoe. Eu agi mal. Terminou? A senhorita não está mais com raiva de mim?

– Não – ela respondeu.

Ele suspirou:

– Deus, como a senhora é encantadora, e que pena ter vindo por uma razão que não é o que eu pensava! Então a senhorita vem até mim como tantas pessoas iam consultar Sherlock Holmes em sua casa, em Baker Street? Então, senhorita, fale e me dê todas as explicações necessárias. A senhorita tem minha devoção. Eu estou ouvindo.

Ele a fez sentar-se. Por mais tranquila que estivesse com o bom humor e a bondade respeitosa de Raoul, ela continuava muito pálida. Seus lábios, de um desenho gracioso, frescos como os de uma criança, às vezes se retorciam. Mas havia confiança em seus olhos.

– Desculpe-me – disse ela, com uma voz alterada. – Posso não estar no meu juízo perfeito, mas o que eu sei é que estão acontecendo coisas...

coisas que eu não consigo entender... e outras que virão, e que me assustam... sim, que me assustam antecipadamente, sem que eu saiba por quê... pois não há provas de que elas acontecerão. Meu Deus! Meu Deus! Como isso é assustador e como eu sofro!

Ela passou a mão na testa com um gesto de cansaço, como se quisesse arrancar ideias que a extenuavam. Raoul realmente sentia pena de sua angústia e começou a rir para acalmá-la.

– A senhorita parece tão nervosa! Não deveria estar. Isso não ajuda em nada. Vamos, coragem, senhorita, não há mais nada a temer, nem de minha parte, desde que me peçam ajuda. A senhorita vem da província, não é mesmo?

– Sim. Saí de casa pela manhã, e cheguei no fim da tarde. Imediatamente entrei em um carro que me conduziu até aqui. A zeladora pensou que o senhor estava aqui e me indicou o apartamento. Eu toquei a campainha. Não havia ninguém.

– Os criados tiveram um dia de folga, e eu jantei no restaurante.

– Então – disse ela – usei esta chave...

– Que a senhorita pegou com quem?

– Com ninguém. Eu a roubei de alguém.

– Que alguém?

– Vou explicar.

– Estou tão ansioso para saber! Tenho certeza de que a senhorita não se alimenta desde esta manhã e deve estar faminta!

– Não, eu encontrei chocolate nesta mesa.

– Perfeito! Mas há muito mais que chocolate. Eu a servirei, e conversaremos em seguida, certo? Mas, na verdade, a senhorita parece tão jovem... uma criança! Como eu poderia tê-la confundido com uma dama!

Ele riu e tentou fazê-la rir, enquanto abria um armário do qual tirou biscoitos e vinho doce.

– Qual é o seu nome? Porque eu preciso saber...

– Mais tarde... Contarei tudo.

– Tudo bem. Além disso, eu não preciso saber o seu nome para servi-la. Sim, seus lindos lábios devem gostar de mel, e eu tenho um mel excelente na despensa. Vou lá pegar...

Ele estava prestes a deixar o vestíbulo quando o telefone tocou.

– Estranho – murmurou ele. – A esta hora... A senhorita se importa?

Ele pegou o telefone e, mudando ligeiramente a entonação, disse:

– Alô... Alô...

Uma voz distante lhe disse:

– É você?

– Sou eu! – disse ele.

– Que sorte! – disse a voz. – Há tanto tempo que estou procurando você!

– Minhas desculpas, meu querido amigo, eu estava no teatro.

– E agora você está de volta?

– Parece que sim.

– Fico muito feliz.

– E eu também! – disse Raoul. – Mas você poderia me dar uma informação, meu velho? Apenas uma pequena informação?

– Diga logo.

– Quem está falando?

– O quê! Não está me reconhecendo?

– Confesso, velho amigo, que até agora...

– Béchoux... Théodore Béchoux.

Raoul d'Avenac reprimiu um movimento e declarou:

– Nunca ouvi falar.

A voz protestou:

– Mas sim!... Béchoux, o policial... Béchoux, o brigadeiro da Sûreté¹...

¹ Em muitos países ou regiões da França, Sûreté é o nome da organização policial civil, particularmente ligada a detetives. (N.T.)

- Oh! Conheço-o pela reputação, mas nunca tive o prazer...
- Você está brincando! Já resolvemos tantos casos juntos! *O jogo de bacará? O homem dos dentes de ouro? As doze africanas?*²... Tantos triunfos... que alcançamos juntos...
- Você deve estar enganado. Com quem o senhor acha que tem a honra de falar?
- Com você, é claro!
- E quem sou eu?
- O visconde Raoul d’Avenac.
- Esse é de fato o meu nome. Mas eu asseguro que Raoul d’Avenac não o conhece.
- Talvez, mas Raoul d’Avenac me conhecia quando ele usava outros nomes.
- Caramba! Explique isso.
- Bem, Jim Barnett, por exemplo. O Barnett, da *Agência Barnett e Associados*. E depois Jean d’Enneris, da *Mansão misteriosa*³. E preciso mencionar seu nome verdadeiro?
- Vá em frente. Não tenho vergonha. Pelo contrário.
- Arsène Lupin.
- Até que enfim! Estamos de acordo, agora que as coisas estão claras. É por este nome, de fato, que eu sou muito honrosamente conhecido. Então, meu velho amigo, o que você quer?
- Sua assistência, e de imediato.
- Minha assistência? Você também?
- O que quer dizer com isso?
- Nada. Estou à sua disposição. Onde você está?

² Essas aventuras são narradas no livro *Agência Barnett e Associados: as novas aventuras de Arsène Lupin* (*L’Agence Barnett et Cie*, 1928), uma coletânea de oito contos de Maurice Leblanc. (N.T.)

³ *Arsène Lupin e a mansão misteriosa* (*La Demeure Mystérieuse*, 1928). (N.T.)

– Em Le Havre.

– Fazendo o quê? Investindo no negócio de algodões?

– Não, eu vim para telefonar a você.

– Essa é boa. Você saiu de Paris para me telefonar de Le Havre?

O nome da cidade, que Raoul pronunciou diante da garota, pareceu incomodá-la. Ela sussurrou:

– Le Havre... Estão lhe telefonando de Le Havre? Isso é estranho, quem está falando? Deixe-me ouvir.

Um pouco contra a vontade de Raoul, ela se apoderou do outro aparelho e, como ele, ela ouviu a voz de Béchoux dizer:

– Não é por essa razão. Estou morando aqui na região. Como não havia sinal de telefone, arranjei um carro que me levou a Le Havre. E agora estou voltando para casa.

– O que você quer dizer? – perguntou d’Avenac.

– Você conhece o Radicâtel?

– Ora! Um banco de areia no meio do Sena, não muito longe da foz.

– Sim, entre Lillebonne e Tancarville, e a trinta quilômetros de Le Havre.

– Você acha que eu não sei disso! O estuário do Sena! O país de Caux! Minha vida inteira está aí, ou seja, toda a história contemporânea. Então, você dorme no banco?

– Como é que é?

– Quero dizer, você mora no banco de areia?

– Em frente ao banco há uma pequena vila encantadora, a qual também recebe o nome de Radicâtel, e ali aluguei um chalé por vários meses, para descansar...

– Com um grande amor?

– Não, mas tenho um quarto de hóspedes que estou guardando para você.

– A que devo esta delicada atenção?

– Um assunto curioso e complicado, que gostaria de desvendar com você.

– Porque você não consegue resolver sozinho, não é, grandalhão?

Raoul observava a jovem, cuja crescente aflição estava começando a atormentá-lo. Ele tentou tirar o telefone dela. Mas ela se agarrou a ele, e Béchoux insistia:

– É urgente. Entre outros eventos, uma jovem desapareceu hoje.

– Acontece todos os dias. E não é motivo para alarme.

– Não, mas há alguns detalhes perturbadores, e além disso...

– E além disso o quê? – gritou Raoul, impaciente.

– Bem, agora há pouco, às duas horas, ocorreu um crime. O cunhado dessa garota, que a procurava no parque, ao longo de um rio, foi morto a tiros de revólver. Então, pegue o trem às oito da manhã e...

Ao ouvir a menção do crime, a jovem se levantou. O telefone escorregou de sua mão. Ela tentou falar, suspirou, vacilou e caiu no braço de um sofá.

Raoul d’Avenac teve apenas tempo suficiente para gritar com Béchoux, em tom de raiva:

– Você é um imbecil! Que maneira de contar as coisas! Você não consegue entender, seu idiota?

Ele rapidamente desligou o telefone, estendeu a jovem no sofá e a forçou a inalar um frasco de sais.

– Ei, qual é o problema, senhorita? As palavras de Béchoux não têm importância. Mas é de você que ele fala e de seu desaparecimento! Além disso, você o conhece e sabe muito bem que ele não é uma mente superior. Eu imploro, fique boa logo e vamos tentar esclarecer a situação.

Mas Raoul logo percebeu que nenhum esforço poderia esclarecer a situação naquele momento, que a jovem, já muito abalada por eventos